

# Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506  1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
LGBTTOFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>166</b>
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
<a href="#">Marcelo Pereira Souza</a> <a href="#">Marcelo Alário Ennes</a> <a href="#">Alessandra Rodeiro Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
<a href="#">Isabela Magalhães Bosi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>188</b>
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
<a href="#">Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>205</b>
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
<a href="#">Raniery Silva Guedes de Araujo</a> <a href="#">Karla Estelita Godoy</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>212</b>
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
<a href="#">Paulo Sérgio de Proença</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
<a href="#">Marcos Silva da Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250620</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>238</b>



## PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR

**Paulo Sérgio de Proença**

Unilab-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus do Malês BA.

**RESUMO:** Piadas são comuns em ambientes diversos. Freud, em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, demonstra que chistes, disfarçados em humor, veiculam agressividade e possibilitam descarga considerável de prazer. No Brasil, Sírio Possenti estuda do ponto de vista linguístico as piadas. No caso específico de piadas contra negros, fica reforçado o processo histórico de exclusão e violência de que afrodescendentes sempre foram vítimas. Elas permitem que a agressividade seja dirigida contra o alvo pela superação de interdições de convenção, com o acréscimo nada desprezível de ganhos psíquicos. É o que conclui a partir do breve exemplário analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Piadas. Negros. Agressividade. Humor.

**ABSTRACT:** Jokes are common in several social moments. Freud, in *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, demonstrates that jokes, disguised in humor, transmit aggressiveness and they make possible considerable discharge of pleasure. In Brazil, Sírio Possenti studies them from the linguistic point of view. In the specific

case of jokes against black people, it reinforces the historical process of exclusion and violence that black people were always victims. They allow aggressiveness to be directed against the target by overcoming convention bans, with the no-nonsense addition of psychic gains. This is what can be said from the brief examples analyzed.

**KEYWORDS:** Jokes. Black people. Aggressiveness. Humor.

### 1 | INTRODUÇÃO

É comum, em círculos de descontração e intimidade, piadas serem contadas, com risada exigida por regras de boa convivência e fruição de prazer psíquico. Nessas ocasiões, muito frequentemente, piadas contra negros vêm à tona. Por que não há piadas que ridicularizam o branco?

Procura-se aqui analisar as motivações psíquicas de chistes e a agressão que portam contra negros. Essas trocas verbais indicam que há violência preconceituosa e que acha nas piadas veículo que supera as interdições sociais; o fenômeno foi estudado por Freud, que explica o fascínio que os chistes têm e o prazer que proporcionam.

Há significativa extensão histórica de violência contra negros. Interessa-nos mais de

perto as condições impostas pelos colonizadores europeus, principalmente durante o período de escravidão, no Brasil. O tratamento desfavorável dirigido aos negros permanece, ainda, no senso comum, retratado nas piadas que circulam entre nós, como pretende demonstrar o pequeno mostruário analisado na última parte deste trabalho.

## 2 | CHISTES, PRAZER E AGRESSIVIDADE

As interdições da civilização se fazem sentir com intensidade no controle sobre o ato de “falar” (que pode ser expandido até o “pensar”), com tendência à repressão à fala espontânea do dia a dia. Em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud os relaciona ao mecanismo psíquico: os chistes vinculam-se a obstáculos interpostos pela civilização, cuja remoção provoca prazer.

Freud descreve as diversas técnicas de composição deles, a natureza em relação ao propósito que contêm, os desdobramentos quanto às relações com o riso e o inconsciente. Abordaremos os aspectos teóricos que mais interessam aos objetivos deste trabalho.

O chiste pode ser entendido como um juízo que produz contraste lúdico e descrito como técnica de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, por meio de habilidade especial de fundir, com rapidez, ideias diferentes. Uma das principais características do chiste é a brevidade.

Há propósito nos chistes. A atividade chistosa não é desinteressada, já que tem o propósito de suscitar prazer. O chiste pode ter um fim em si mesmo (inocente) ou ter um fim tendencioso. O tendencioso pode servir a dois propósitos: ou é um chiste hostil (tem o propósito de agressividade, sátira ou defesa) ou chiste obsceno (propósito de desnudamento).

O papel desempenhado pelos chistes hostis não é desprezível e se liga a fatores de natureza psíquica. Desde nossa infância (e desde a infância da civilização), os impulsos hostis contra o nosso próximo foram se sujeitando a progressiva repressão: “A hostilidade brutal, proibida por lei, foi substituída pela invectiva verbal” (FREUD, s/d., p. 51).

Já que somos obrigados a renunciar à hostilidade, desenvolvemos técnicas para tornar o inimigo inferior, desprezível ou cômico; assim, conseguimos o prazer de vencê-lo. Um chiste permite explorar no inimigo o (suposto) ridículo que não poderíamos expor abertamente; evita restrições e abre fontes de prazer. Há um *suborno* do ouvinte, que acaba se alinhando sem detida investigação. Pelo chiste um insulto pode ser vingado; os chistes tendenciosos podem servir à crítica contra pessoas que exercem autoridade. Assim, a rebelião contra autoridades é algo que dá sensação prazerosa. A agressividade (disfarçada) pode dirigir-se a pessoas, instituições, dogmas morais ou religiosos; mas há chistes que se dirigem a inferiores e indefesos.

Os chistes em geral e os tendenciosos em particular mostram que o prazer está

em causa – e pouco importa como obtê-lo. Eles nos dizem que lutamos para que desejos possam se tornar aceitáveis.

A psicogênese dos chistes desencadeia mecanismos de prazer, cujo efeito pode ser explicado a partir dos chistes tendenciosos. O elemento que produz prazer é aquele a cuja satisfação se opõe algum obstáculo externo contornado. Se o deleite dos chistes transpõe bloqueios, isso deve ser atribuído à economia na despesa psíquica (FREUD, s/d., p. 1).

O jogo (de palavras, no caso), ao fazer uma inesperada associação, libera prazer. Também as rimas, aliteraões, refrões, e as outras repetições de sons semelhantes que ocorrem em versos poéticos utilizam a mesma fonte de prazer — a redescoberta de algo familiar que, por sua vez, remete a outro recurso dos chistes, o fator “atualidade”, envolvido com uma categoria particular, que possui a característica de ser novo, recente e intocado pelo esquecimento.

Num chiste, não podemos decidir, de imediato, se o prazer procede da *forma* do chiste ou de seu *conteúdo intelectual*; além disso, tendemos a não achar erro no que nos diverte. Os chistes, além do mais, perseguem o objetivo de promover o pensamento, antepondo-se ao poder restritivo do julgamento crítico. Os chistes tendenciosos exibem a principal característica da elaboração do chiste — a de liberar prazer pela superação de inibições (FREUD, s/d., p. 1).

Admitamos que existe o impulso de insultar certa pessoa [...] o insulto não pode se consumir [...] Suponhamos, agora, entretanto, que se apresenta a possibilidade pela derivação de um bom chiste a partir do material verbal e conceptual usado para o insulto — ou seja, a possibilidade de liberar prazer de outras fontes não obstruídas pela mesma supressão... em tais circunstâncias o propósito suprimido pode, com a colaboração do prazer derivado do chiste, ganhar força suficiente para superar a inibição [...] O insulto, portanto ocorre já que o chiste o tornou possível. Mas o prazer obtido não é apenas aquele produzido pelo chiste: é incomparavelmente maior. É tão superior ao prazer originário do chiste que devemos supor que o propósito, até aqui suprimido, tenha conseguido esgueirar-se, talvez sem a mínima diminuição. Em tais circunstâncias é que o chiste é recebido com a melhor gargalhada.

Os chistes constituem fenômeno que pode ser estudado sob diversos aspectos. Freud os analisou a partir Psicanálise. No Brasil, Sírio Possenti, dentre outros, se dedica ao estudo linguístico de piadas. *Os humores da língua* (1998) reúne vários ensaios sobre o tema. As piadas (as principais características dos chistes apontadas por Freud se fazem presentes no que Possenti chama simplesmente de *piadas*, termo já consagrado entre nós) são dotadas de certa complexidade e se prestam a concentrar fenômenos elásticos, relacionados a diversos aspectos da vida, podendo ser objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas; o novo foco por ele apresentado é o da Linguística, ciência que progrediu muito depois de Freud.

Possenti reconhece poderoso elemento das piadas na ambiguidade, no que concorda com Freud. Mas aponta outras características: o valor pragmático em que se enunciam; a autoria; a intertextualidade e a interdiscursividade, implícitas nelas; os mecanismos de leitura presentes no processo de interpretação de piadas; elementos de linguística textual (coerência e seus mecanismos); a ideologia presente

na enunciação. A enunciação de piadas cria uma espécie de moldura pragmática que tem a finalidade de empenhar a cumplicidade do ouvinte, condicionando reações com o propósito de desarmá-lo (no caso de uma piada preconceituosa ou agressiva). Por esses aspectos, trata-se de um fenômeno complexo e amplo.

Uma piada não se caracteriza pela exatidão de dados nem pela lógica (embora tais elementos possam figurar estruturalmente numa piada). Segundo Possenti (1998, p. 146), “muitas piadas não funcionariam, aliás, se os ouvintes aplicassem regras rigorosas de interpretação [...] para o inconsciente, o que é parecido passa por igual. Não fosse assim, o inconsciente não seria o que é, seria o lugar da minuciosa e exigente lógica”.

Antes de considerarmos as piadas contra negros, é conveniente analisar aspectos históricos que, de alguma forma, a elas se relacionam.

### 3 | A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM NEGATIVA DO NEGRO

Desde o séc. XV o Ocidente se dirigiu à África para colonizar, converter e escravizar. A África era o continente da idolatria: “os africanos não poderiam ser vistos como homens, pois não eram considerados descendentes de Adão” (SODRÉ, 2011, p. 32). Os jesuítas consideravam a religião dos indígenas e dos negros aberrações satânicas. A cultura negra era infernal (Sodré 2011, p. 37):

o inferno tinha como ingredientes, dentre outros, tensões sociais, resistência escrava, envenenamento de senhores, atabaques batendo nas senzalas e vielas, quilombos, resistências nas matas, catimbós, calundus, curas mágicas, adivinhações, fornicção e aberrações sexuais.

Essa repressão se perenizou na história, para dominação ideológica: “houve muitas ações repressivas que chegaram à República e seguiram avante, construindo bases sólidas para os estereótipos e preconceitos alimentadores das representações negativas” (SODRÉ, 2011, p. 43). Esse saldo funesto ainda hoje existe, não mais em sinais explícitos institucionalizados, mas em trocas interpessoais marcadas por atos de violência simbólica, como é o caso das piadas.

A repressão a negros assume amplitude científica. A ideia de raça alcançava, no século XIX, médicos, naturalistas, juristas e literatos que defendiam as teorias da época. *Raça* passa a ser objeto de conhecimento. No período caracterizado pelo final da escravidão, quando se buscava uma política para o país, com respaldo em modelos de teorias raciais em muito desfavoráveis aos afrodescendentes, a elite intelectual branca consome uma literatura justificadora dos seus interesses. Ideias darwinistas (evolucionistas) contribuíram para adoção de justificativas teóricas para a dominação branca.

Foi forte a profilaxia a hábitos supostamente primitivos atribuídos aos negros, por causa da ideia de progresso. A noção de eugenia influenciou faculdades de medicina e na Bahia pontificaram as ideias de Nina Rodrigues. Surge o conceito de

raças perigosas (escravos, negros, africanos): “Ora, se os negros e africanos são considerados inferiores, sua cultura também será prova de ‘incivilização’, merecedora de repreensão e etnicídio!” (SODRÉ, 2011, p. 49). Na representação do outro como inferior, a diferença é desigualdade: “A diferença de sexo, ‘raça’, etnia, cultura, civilização e natureza, percebida pelo europeu no contexto da expansão colonial, sempre esteve sobredeterminada pela necessidade de uma medida de absoluta desvalorização do outro” (LUZ, 2011, p.20). O Brasil buscava se autorrepresentar como sociedade moderna, civilizada e científica, apesar de atrasado.

Essa relação esquizofrênica entre atraso-modernidade é explorada com tino ficcional e crítico por Machado de Assis, em seus escritos. O autor tem consciência dos interesses em jogo, no processo que resultou na Abolição. Como funcionário público atuou incansavelmente em defesa da liberdade, principalmente dos escravos; como literato, suas criações denunciavam as ambiguidades existenciais dos atores que atuavam naquele quadro, o que se refletia nas ambiguidades políticas da classe dirigente.

Ser moderno era adotar princípios evolutivo-positivistas (Darwin, Spencer e Comte). Como darwinismo procurava tipos puros evoluídos, a mestiçagem era degeneração, não só racial, mas também, social. Foram criadas instituições públicas e privadas para apoiar a esse princípio, como o Museu Nacional. Publicações foram meios idôneos para retratar o negro como fator de impedimento à civilização, sob amparo teórico da antropologia e da etnologia da época, conforme a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB*. SODRÉ (2011, p. 52, 53), registra que

[...] vigorava uma visão evolucionista mas determinista no que se refere ao “potencial civilizatório dessa raça”: “os negros representavam um exemplo de grupo incivilizável”, afirmava um artigo publicado em 1891; “As populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana”, ponderava um ensaio de 1884.

A partir de meados do séc. XIX, o jornalismo científico apoia a tendência. Os jornalistas médicos publicam relatórios, artigos, monografias, etc., sobre medicina legal e higiene pública, no interesse da elite, com pretensa imparcialidade. A partir de 1880 a questão racial assume importância maior, sob as preocupações quanto ao lugar do negro no Brasil.

Para o médico Nina Rodrigues, o negro tem pouca capacidade intelectual e muita incivilidade cultural; pertence a uma raça inferior. *O Brasil Médico*, revista da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicava: “[...] vemos que a casta negra é o atraso; a branca o progresso, a evolução [...] A demência é a forma em que mais avulta (sic) os negros” (SODRÉ, 2011, p. 59).

Produções culturais negras, como o samba e a capoeira, foram consideradas crime pelo Código Penal de 1880: “Fazer nas ruas e praça pública exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, será autuado punido com 2 a 6 meses de prisão [...]” (SODRÉ, 2011, p. 76).

Também a mulher negra era acusada de ser assassina, de matar seus filhos

com sangue frio e seus companheiros por motivos passionais, o que pode confirmar e reforçar a representação da crioula sensual e da mulata fatal.

Tudo isso contribuiu para a representação negativa do negro, o que influencia a sociedade, chegando ao domínio das relações pessoais e vivências cotidianas. Na religião, o catolicismo, o protestantismo e o neopentecostalismo participam do processo de anulação do negro.

Hoje são inibidas manifestações de violência física contra negros, graças a avanços na legislação, que procura proteger minorias e grupos desprivilegiados (não fazemos referência à minoria estatística; dados aritméticos nem sempre indicam rigor na medição de fatos, sobretudo sociopsicológicos. Os negros são maioria, no Brasil, em números absolutos. Contudo, essa proporção não corresponde à presença deles nos postos de comando, seja na administração pública, seja na iniciativa privada: os números podem mentir). Isso não é pouca coisa. Contudo, a violência física foi substituída pela violência simbólica manifestada nas piadas. Elas tornam possível a descarga de agressividade contra os negros e ainda proporcionar prazer psíquico. A seguir, serão analisadas algumas piadas.

#### **4 | ANÁLISE DO EXEMPLÁRIO DE PIADAS CONTRA NEGROS**

Piadas sobre negros têm forte apoio no senso comum, que se fundamenta nas representações sociais, nas quais se encontra o repertório privilegiado de elementos culturais que dirigem nossas ações cotidianas. Representação é “fenômeno dinâmico, num processo permanente de reorganização, sendo simultaneamente condição e produto social [...] As representações não só enriquecem ideias previamente formadas, mas contribuem para formá-las” (SODRÉ, 2011, p. 78).

Piadas são difusores privilegiados de representações, principalmente no imediato das relações interpessoais, aparecendo como descontração despreziosa; no entanto, elas reproduzem o senso comum, reforçando, principalmente a negatividade em relação ao negro, no que conta com apoio tácito das instituições e as bênçãos da religião.

Essa projeção negativa ocorreu em processo histórico que perpetrou, contra negros, violência física e simbólica, por diversos meios, sendo um dos mais efetivos a associação do negro ao mal; a religião negra sempre foi associada à bruxaria e ao diabo e vítima de hostilidade, forçados que eram os negros à catequese e à conversão católicas; nesse processo, desestabilização psicológica e conformação sempre havia. Também houve crença na incapacidade intelectual dos negros. Nos processos catequéticos era utilizada a mesma linguagem e técnica aplicada às crianças, porque eram os negros considerados incapazes, daí a infantilização.

Isso ajudou a construir, reforçar e manter o imaginário negativo em relação ao negro, sua cultura e religião, fenômeno que permanece no senso comum, como se

pretende mostrar por breve análise de algumas piadas.

O exemplário não é extenso, embora seja representativo. Extraído da internet, retrata a ampla circulação que têm, nas redes sociais. É apresentada classificação do material coletado, por agrupamento temático. Esse esforço apenas faz convergir, de forma aleatória, temas que podem ser extraídos das piadas, sempre em subordinação à centralidade da violência contra os negros.

O primeiro grupo de piadas que pinta os negros como *bandidos*.

- Quando é que um preto anda de carro?
- Quando vai preso.
- Porque é que o preto não pode ficar parado nas esquinas?
- Porque preto parado é suspeito.
- Porque é que o preto não pode correr?
- Porque preto correndo é ladrão.
- Por que uma negra grávida de trigêmeos foi presa?
- Formação de quadrilha.

Utilizaremos indistintamente os termos *preto* e *negro*, embora não sejam intercambiáveis em todos os contextos. Nas piadas transcritas prevalece *pretos*; pela antiguidade delas, talvez haja carga preconceituosa. Atualmente, *negros* tem convergência mais positiva, com incorporação dos anseios de movimentos sociais que reivindicam direitos e igualdade para afrodescentes.

A técnica empregada é própria dos chistes no que diz respeito à brevidade. A surpresa, de que decorre o prazer psíquico, pode ser atenuada quando o interlocutor já sabe previamente que se trata de piadas contra negros, embora haja, em cada nova ocorrência, fruição de prazer, segundo Freud, principalmente no que diz respeito à finalidade das piadas: a agressividade. Ainda quanto à técnica, é interessante observar que essas piadas são construídas no esquema de pergunta e resposta, empregada nos catecismos religiosos. Se esse parentesco técnico-formal procede, a amplitude de impregnação, na mente do ouvinte ou do leitor, aumenta consideravelmente, sobretudo dos que passaram por processo catequético. As perguntas são formuladas para indução da resposta e, quem responde tem autoridade socialmente sancionada para isso. As respostas ficam sedimentadas na mente de todos, reforçadas pelo processo de repetição das piadas e pela projeção da forte carga de verdade que envolve esse processo.

O tema dessas piadas se delimita por termos que pertencem ao percurso isotópico do crime: *formação de quadrilha, suspeito, ladrão, preso*. E por aí vai. Não é de hoje que essa percepção vitimiza os negros, como se a cor negra da pele, por si mesma,

fosse testemunha de desvios morais. Esse processo não tem nada de biológico, mas é social e historicamente construído.

Esse olhar de rejeição e condenação pode ser percebido em outro grupo de piadas que não se relacionam diretamente a um boletim de ocorrências policial, mas servem, também, para a desqualificação dos negros.

Outro grupo de piadas diz respeito à *desqualificação geral*:

- Quando é que um preto come carne?
- Quando morde a língua.
- Porque é que o preto gosta de ser crente?
- Para poder chamar irmão ao branco.
- Porque é que o preto vai à escola?
- Quando está a construí-la.
- Quando é que o preto toma banho
- Quando chove.
- Porque é que o mundo é redondo?
- Para o preto não cagar nos cantos.
- Quando é que um preto é bonito?
- Quando chega atrasado ao serviço e o patrão diz: Bonito, hein!?
- Por que não tem vidente na África?
- Porque preto não tem futuro

O negro é retratado como feio; como trabalhador é desqualificado; não toma banho, caga pelos cantos, sem futuro. Após a Abolição, houve tentativa de depreciar a aptidão dos negros para o trabalho. Isso era contradição porque, pelo trabalho escravo, os negros construíram a riqueza e fortuna de muitos. Foram considerados vagabundos, desocupados, preguiçosos, mendigos, vadios, uma classe perigosa. Assim, pobreza está associada à periculosidade e, logo depois da escravidão, pobres e perigosos eram os negros. Esses aspectos, igualmente, participam dos estereótipos com que os negros sempre foram retratados. Também nesse grupo predomina a técnica da brevidade (que favorece a memorização e aumenta a recompensa psíquica) e da pergunta-resposta (que reforça a catequese).

Talvez se possa associar a essa ideia uma expressão que não é chistosa, mas contribui para reforço da imagem negativa sobre os negros; trata-se de conhecida expressão “Preto quando não caga na entrada, caga na saída”. Formalmente,



assemelha-se a um provérbio: tem brevidade e se constrói em paralelismo (repetição), o que ajuda na memorização e reforço: “caga na entrada/ caga na saída); percebe-se a associação a excrementos, mas aqui a figura projeta-se no campo da vida moral, da forma mais depreciativa: o negro é moralmente mau e isso se verá em algum momento. É fácil perceber o perecimento lógico dessa convicção, cujo fatalismo fere a razão. Contudo, serve à intenção de desqualificar o Outro, reconhecido pela cor da pele. A expressão aproxima-se dos ditados populares, que têm forte aceitação no senso comum. Têm eles a função de portar a sabedoria dos povos, acumulada ao longo de gerações. Daí o seu poder de persuasão.

Essa desqualificação é ainda mais agressiva em outras piadas, por associarem os negros ao que é considerada a maior degradação: *excrementos*.

- Qual é a diferença entre um preto e uma latinha de merda?
- A latinha.
  
- Porque é que os pretos usam chapéus de abas largas?
  
- Para que os pássaros não caguem nos lábios deles.
  
- Porque é que o caixão do preto só tem duas alças?
  
- Já alguma vez viram caixote do lixo com quatro?
  
- Porque é que o caixão do preto tem buraquinhos?
  
- Para os vermes poderem vomitar.
  
- O que acontece se um preto cair num monte de bosta?
  
- Aumenta o monte.

A que os negros são associados, agora? À merda, ao lixo; os vermes, quando comem suas carnes, precisam vomitar... Piadas como essas representam o máximo da degradação que se pode atribuir a uma pessoa ou a um grupo. E, assim, os negros merecem morrer – devem morrer...

- O que é uma kombi com cinco pretos caindo do abismo?
  
- Um desperdício, na kombi cabem 15.

Depois de todas as imprecações, socialmente aceitáveis, esta última não esconde o desejo inconfessável de muitos brancos: os pretos devem morrer; afinal, são vermes, monte de merda, etc.

Isso é motivação inconsciente para o extermínio de negras e negros, que estão morrendo, de fato; são vítimas da brutalidade, da coisificação, da humilhação e da discriminação, como atestam Fernandes e Monteiro (s/d); esses pesquisadores denunciam que a militarização em curso na periferia e na favela reproduz a violência

física e simbólica do processo histórico que produz a morte aos negros. Isso pode ser verificado na abordagem policial, para negros, humilhante. Outros exemplos recentes são os casos chocantes dos assassinatos de negros veiculados pela mídia (há muitos casos que não têm essa visibilidade). Fernandes e Monteiro (s/d) dizem que “ao negro, logo enquadrado como marginal ou bandido, em acordo com esse imaginário do estigma racial, é imposta a pena capital, sem direito a defesa ou presunção de inocência, colocando-o à mercê do julgamento do policial”.

As piadas acima têm motivação na aceitação de que negros não são gente e, daí que elas os pintem também como *animais e coisas*:

- Porque é que o preto não erra?
- Porque errar é humano.
- Quando é que preto é gente?
- Quando ele está no WC e alguém bate à porta e ele responde: Tem gente.
- Qual o melhor amigo do preto?
- O cavalo. Se não fossem os cavalos, os brancos andavam em cima dos pretos.
- Que há entre um carro com um pneu furado e uma preta grávida?
- Ambos esperam um macaco.

O negro não é humano; é animalizado, associado mais comumente a macaco, mas outros animais podem servir de comparação (como o cavalo, em uma das piadas acima reproduzidas). Animalizado, perde potencial humano de crescimento e evolução. Essa ideia, cientificamente envelhecida e superada, ainda habita o senso comum. Sob o ponto de vista antropológico, não há culturas evoluídas nem primitivas; apenas são diferentes e essa diferença é marca da riqueza da humanidade.

Na época da escravidão havia marcas a ferro em brasa, prática adotada pela sociedade escravocrata brasileira. Isso testemunha a animalização e a reificação a que escravos estavam sujeitos, juridicamente ajustada, porque eram eles contabilizados como semoventes. A abolição já vai longe (será?), mas deixa impregnada no imaginário a representação com que o negro é tratado. Há piadas que atestam a *incivilidade* do negro:

- Qual a diferença entre o preto e o cancro?
- O cancro evolui.

O cancro evolui; o preto, não. Essa representação foi muito presente ao longo da história, merecendo, inclusive, explicação científica, como já foi apontado. A que o negro é comparado? A uma doença terrível, cujo nome nem é pronunciado. O negro não é doença (social), é pior do que isso.

Esse conjunto de apreciações negativas incide até sobre qualidades que seriam,

a julgar pelo imaginário popular, positivamente valorizadas. Trata-se da folclórica característica atribuída aos homens negros: pênis grandes. Contudo, até isso merece desqualificação:

- Porque é que se diz que os pretos têm a pila grande?

- Erro genético...era para ser cauda!

Como também já foi visto, a lógica em que muitas piadas se assentam, não deve, necessariamente, corresponder a nossas experiências e conhecimentos, o que, também, é percebido pelo leitor/ouvinte. Essa piada reforça a ideia de inferioridade, agora projetada ao âmbito da biologia, o que está conforme com a tradição científica com que o negro foi retratado.

Apesar de ser alvo de apreciação negativa por parte dos brancos, boa parcela dos próprios negros introjeta essa perspectiva e isso é retratado em piadas nas quais *negros se veem como brancos*. Esta piada retrata a forma com que os próprios negros se conformam aos estigmas sociais:

Um negão estava andando com seu BMW novinho pelas ruas da cidade quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso: - Que e' isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar porrada!!! O outro negão respondeu: - Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca-fitas.

Técnica diferente é empregada. Não há mais a brevidade nem a técnica dialógica dos catecismos; uma pequena narrativa acrescenta detalhes que dão suporte ao clímax do final. Os termos *porrada*, *furioso*, *filho da puta*, *roubar*, circunscrevem a moldura de violência depreciativa. A pressão dos mecanismos ideológicos institucionalizados é tão forte que eles mesmos acabam aceitando os valores brancos. Não é desprezível a força de domesticação desse processo. Fernandes e Monteiro (s/d) explicam o fenômeno desta forma:

Quando certos valores morais, estéticos e simbólicos, tradicionalmente brancos, são considerados como legítimos e como padrões os quais toda a sociedade deve seguir, temos um caso de violência simbólica, onde o negro é obrigado a sentir vergonha de si e abrir mão de valores que não se encaixam no padrão hegemônico, causando assim baixa autoestima e sentimentos de inferioridade e incapacidade.

A vida em geral, as relações interpessoais, os desafios e os preconceitos sempre apresentam desafios para a comunidade negra. Apesar de tantos ventos contrários, muitos, com esforços, conseguem impor-se e angariar respeito. Um dos meios para isso é o acúmulo de riqueza, o ídolo deste mundo que se coloca acima das divergências quanto à cor da pele. Se um negro ou uma negra são ricos, são mais respeitados, não por ser negros, mas por ter dinheiro. Contudo, a riqueza, se diminui a intolerância social, não acaba com o preconceito nem com a agressividade, na lógica capitalista do lucro e da posse de bens materiais, como se pode ver a seguir:

Um negão ganhou na sena e chegou logo para o cara que era mais rico da cidade e disse: Agora eu sou igual a você, porque tenho muito dinheiro. O cara respondeu: igual nada, porque eu tenho uma mansão... Ai o negão comprou um terreno ao lado do cara rico e construiu uma mansão do dobro do tamanho do vizinho e falou: Agora eu sou igual a você, pois também tenho uma mansão enorme... O cara respondeu: igual nada, porque eu tenho 3 carros na garagem... Ai o negão comprou 6 carros, chegou para o vizinho e disse: Agora eu sou igual a você, pois também tenho um monte de carros ... O cara respondeu: Igual nada, agora você é melhor... O negão encheu-se de orgulho e falou: porque tenho mais carros? Não, é porque você tem um vizinho branco, e eu tenho um vizinho negro.

A técnica dessa última piada é a mesma da anterior: acúmulo de informações que dramatizam o clímax. A pequena narrativa se caracteriza por reiterações significativas que revelam a obsessão do negro em ser igual ao branco. Sob o ponto de vista econômico, o negro da piada é muito superior. Mas no jogo depreciativo que parte do branco, esse peso não torna justa a balança. Prevalece o olhar do branco sobre o negro, que precisa da sanção positiva do branco; daí a obsessão em se parecer cada vez mais com ele.

Desfaçatez étnica: o preto nunca será igual ao branco; a posse material não produz esse efeito. A piada reproduz os estigmas que vitimizam os negros. O negro da piada torna-se rico não por seu empreendedorismo, mas por lance de sorte: a loteria. Por outro lado, esse negro mostra ansiedade em se tornar igual ao branco; apesar de demonstrar ter maior poder econômico, nunca é considerado igual ao branco, pelo branco. Por três vezes repete a expressão “Agora eu sou igual a você”; por três vezes o branco nega, prevalecendo o que o branco diz. Essa narrativa reflete com fidelidade o que de fato acontece no arranjo da sociedade brasileira racista: o negro é errado, somente pelo fato de ser negro e não é o milagre da ascensão no capitalismo que o torna melhor do que é. O final da piada amplia essa perversidade, com requintes, quando o branco admite a possível igualdade com o negro: a vizinhança de um branco. Isso retrata o processo ideológico de dominação neocolonial: as causas da miséria e pobreza da população oprimida estão invertidas; negro, na piada, para ter dignidade, precisa ser tocado pela bondade do branco que, com sua superioridade, o redimirá de sua inferioridade.

Estar perto de um branco é o máximo a que um negro pode chegar. E, se para o negro isso é motivo de orgulho, para o branco não é, porque a vizinhança de um negro é depreciativa. A que cúmulo chega a desfaçatez. Nem o deus dinheiro opera o milagre dessa redenção.

A expressão *preto de alma branca* exemplifica isso. A redenção do preto é se tornar branco. Como isso é impossível no plano físico (embora alguns tivessem feito tal tentativa), o que sobra aos negros é um branqueamento simbólico, o da alma. *Preto de alma branca* parece ser favorável aos negros, por ser atribuído a pessoas em quem se reconhece algum valor; e, como somente os brancos têm valor, os negros assim considerados têm características brancas, projetadas para a dimensão simbólica, a da alma.

## 5 | CONCLUSÃO

Fica a sensação de que, no geral, pereniza-se a representação herdada, negativa e violenta contra os negros e a assunção do imaginário historicamente construído de desqualificação deles, no Brasil.

As piadas constituem-se recurso alternativo para canalizar violência histórica contra os negros, de forma socialmente aceitável, com ganhos psíquicos de prazer. Se a violência física não é mais tolerada (pelo menos no discurso legal), as piadas canalizam a agressividade para o campo da violência simbólica.

Contudo, é preciso lutar contra todas as formas de agressão direcionadas a eles. Mais: é preciso lutar contra qualquer forma de violência, física ou simbólica, dirigida a outros grupos étnicos ou minoritários, também vítimas de discriminação. Segundo Sodré, “[...] as reformulações de ideias e preconceitos só poderão sofrer alteração concreta, se os agentes formadores de consciência e opinião [...] se integrarem nessa tarefa, e para isso a pressão social é fundamental” (2011, p. 78).

Assim construiremos um mundo mais humano. Esse é o compromisso que deve nos motivar.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Gustavo; MONTEIRO, Fernando. Violência racial: a tentativa de redução do ser negro. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/acontece/noticia.php?id=4758>. Acesso em 9 jul. 2014.

FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago [edição eletrônica], s/d. LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador; Rio de Janeiro: Edufba; Pallas, 2011.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SODRÉ, Jaime. *Da diabolização à divinização: a criação do senso comum*. Salvador: Edufba, 2011.

### Sites de onde foram extraídas as piadas

[http://z6.invisionfree.com/Toskenha\\_Games/ar/t1546.htm](http://z6.invisionfree.com/Toskenha_Games/ar/t1546.htm). <http://piadistasdeplantaio.no.comunidades.net/index.php?pagina=1181972127>. <http://hebreu-suburbano.blogspot.com.br/2011/01/piadas-racista-sobre-pretos-e-pra-ser.html>.

<http://clubeinsonias.no.sapo.pt/pretos.htm>.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-425-2

